# SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL E OS IMPACTOS COM A PANDEMIA COVID19: RELATOS DA ALDEIA INDÍGENA KANINDÉ, CEARÁ, BRASIL.

**Rildelene Dos Santos Silva**[1]
**Antonio Nilton Gomes Dos Santos**[2]
**Maria Do Socorro Moura Rufino**[3]

**RESUMO**
O isolamento voluntário dos povos indígenas tem sido implementado, mas gera diversas preocupações quanto a segurança alimentar e nutricional. A principal atividade de subsistência das aldeias do Povo Kanindé é a agricultura, e esta, por sua vez, está cada dia mais escassa diante dos impactos provocado pela pandemia nas aldeias. A medicina tradicional teve um papel fundamental na cura e combate da doença. Atualmente tornou-se um dever de toda a sociedade e da ciência o respeito, o resgate e a preservação dos saberes tradicionais, como a valorização da alimentação, da medicina tradicional e da cultura local dos povos, portanto houve um grande impacto com a pandemia na aldeia, tanto com a economia, como para a saúde dos indígenas. Atualmente estão vacinados os maiores de 18 anos da aldeia, conseguindo trabalhar mais tranquilamente na agricultura, para o sustento de suas famílias, nesses dias tão difíceis para o mundo.

**Palavras-chave:** Segurança alimentar Indígena Pandemia .

Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS), Discente, rildelenes@gmail.com[1]
Universidade da Integração da Lusofonia afro-Brasileira, Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH), Discente, niltonkaninde@gmail.com[2]
Universidade da integração do lusofonia afro-brasileira, Mestrado acadêmico em sociobiodiversidade e tecnologias sustentáveis, Docente, marisrufino@unilab.edu.br[3]


**ISSN: 2447-6161**

**INTRODUÇÃO**

O coronavírus surge como um grave problema que vem se somar aos demais enfrentados cotidianamente por povos indígenas e por outras comunidades originárias e tradicionais. A situação de alerta e de risco à vida, que todos enfrentamos nestes tempos de pandemia, é agravada, no caso dos povos indígenas, em função de alguns fatores, dentre eles, a falta de demarcação e regularização dos territórios.

Para compreendermos o processo saúde- doença dos povos indígenas, é necessário lançar mão de múltiplas perspectivas, oriundas da história, da antropologia e da saúde pública. É preciso olhar para o passado a fim de entender as dinâmicas contemporâneas. Configura-se fundamental atentar para a cultura desses povos, sua riqueza e seus conhecimentos assim como para as formas de interação com a sociedade nacional, e de modo a entendermos como os povos indígenas respondem em seu cotidiano (BARROS, 2007.p47).

Calcula-se que o Ceará possui atualmente, 15 povos indígenas divididos em 100 aldeias, distribuídas em 18 municípios do estado. Esses povos lutam pelo reconhecimento de sua identidade, bem como a manutenção do pouco que sobrou do patrimônio cultural. A coroa portuguesa iniciou o processo de ocupação definitiva das terras cearenses que se intensificou através da ocupação missionária pelos Jesuítas, assim, foram tomadas suas línguas de raiz, pela influência católica (FARIAS, 2007,p39).

Hoje os Kanindé são reconhecidos como etnia pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que está a delimitar o território desse povo em 1.793,01 hectares. A principal fonte de renda para a sobrevivência é a agricultura familiar. A produção vegetal cultivada é principalmente, fava, feijão e milho. Atualmente a aldeia conta com 902 habitantes, sendo 265 desaldeados e 637 aldeados das comunidades Fernandes e Balança (SIASI-DISEI, 2020).

Farias (2015, p. 66) afirma que a “grande contribuição dos naturais da terra foi a de seu próprio sangue. A miscigenação do cearense tem muito do índio. Os povos indígenas dominam conhecimentos diversos acerca de plantas medicinais, que até os dias atuais são seguramente utilizados: a malva, romã, eucalipto, gergelim, mostarda, juá, etc. A comunidade indígena Kanindé de Aratuba, preserva seus conhecimentos seculares através das histórias contadas de geração em geração, ensinamentos em casa e na escola”. O objetivo desse artigo é mostrar algumas questões que envolvem a problemática impactada na segurança alimentar e nutricional durante a pandemia da COVID 19, para os indígenas Kanindé.

**METODOLOGIA**

O recorte espacial foi estabelecido no município de Aratuba-CE, especificamente na Aldeia Kanindé (Sítio Fernandes e Balança) à seis quilômetros da sede do município, no período de dezembro de 2020 a abril de 2021. Os dados coletados foram sobre a segurança alimentar e nutricional nas aldeias Kanindé de Aratuba e os impactos com a pandemia da COVID19.

**Figura 1 – Mapa de localização do território Kanindé.**

Fonte: Autor (2020)

A figura 1 mostra o território Kanindé e a distância dos locais de plantio das residências, o que tornou difícil o acesso durante a pandemia, diante do cenário do isolamento social, além do fato de que as famílias por


**ISSN: 2447-6161**

trabalharem juntas, não podem mais se aglomerar devido ao coronavírus.

Foi utilizada como abordagem a pesquisa qualitativa, na qual buscamos respostas às questões particulares. Este tipo de pesquisa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

> O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produções das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2014, p.57).

Uma das técnicas utilizadas em campo foi a entrevista semiestruturada, com o auxílio de ferramentas digitais, que se aproxima mais de uma conversação (diálogo), com o auxílio do roteiro de entrevista aberta. Para Minayo (2014, p. 190) esta técnica é aparentemente mais simples de preparar, pouco exige quanto à lista de temas por parte do investigador, o instrumento da entrevista aberta é a descrição sucinta, breve, e ao mesmo tempo abrangente, pelo entrevistador, do objeto da investigação, orientando os rumos da fala do interlocutor. Essa entrevista foi através de uma rede social (WhatsApp).

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O coronavírus chegou à aldeia indígena e logo se espalhou, devido a aproximação e o trabalho coletivo, que são características vivas dos indígenas. Em entrevista virtual concedida, pode-se perceber o sentimento de um índio em isolamento social. Ele descreve como foi seu isolamento:

> Parece que voltamos no tempo, e tudo acontece novamente, estávamos nós, fazendo tudo que costumávamos fazer na pureza e intimidade indígena de cada um, comíamos, trabalhávamos, brincávamos, conversávamos todos juntos, as crianças livres como pássaros e, como num soprar do vento que trouxe as caravelas, chega a COVID-19 (coronavírus), que nos distancia, nos tira a alegria, o sentimento de poder tocar, provar, cheirar e principalmente o nosso convívio familiar. (Elenilson Gomes – indígena Kanindé)

“Na aldeia a frase coisa invisível, está no cotidiano do povo, mas a fé nas matas, nos encantados, e na medicina tradicional é parte viva da espiritualidade indígena. Estacionadas por algo que se quer vemos, difícil de entender, mas nossos encantados irão trazer de volta tudo que está parado neste momento, narra Cícero Pereira.”

A maior dificuldade dos Kanindé, durante a pandemia, está no acesso a feira da agricultura familiar no município de Aratuba, pois muitos agricultores locais comercializavam os produtos retirados de seus quintais produtivos. A suspensão da feira está afetando de maneira direta a economia local.

Torna-se necessário, encontrar formas de fortalecer as lutas por direitos, por políticas públicas diferenciadas e pela proteção ao meio ambiente e aos territórios. Graças à articulação dos povos indígenas com outras comunidades tradicionais, com entidades indigenistas, movimentos sociais, populares, de direitos humanos, no Brasil e no exterior, vem ocorrendo, nestes tempos sombrios, gestos e ações que mobilizam apoios concretos no combate à fome e na luta pela garantia da vida dos povos indígenas (LIEBGOTT, 2020).

Promovida pela Funai em parceria com outros órgãos federais, bem como o Governo do Estado do Ceará,


**ISSN: 2447-6161**

além de outro órgão não governamental, o CDPDH (Centro de Defesa dos Direitos Humanos) distribuiu cestas básicas nas comunidades indígenas da etnia Kanindé, garantindo a segurança alimentar e o enfrentamento com a pandemia.

A medicina tradicional teve um papel importantíssimo na cura da doença, pois além de chás, lambedores e bafo, tem-se o apoio do horto de medicina tradicional existente na aldeia. Os agentes de saúde foram fundamentais para que essas plantas medicinais chegassem até os pacientes, e estes, por sua vez, manipulam chás e lambedores.

A segurança alimentar representa uma ação além de sobrevivência e qualidade de vida, como também o bem do povo na busca do bem viver, o que seria uma conexão maior junto a natureza, através da alimentação saudável e adequada dos indígenas, sendo que os alimentos cultivados na aldeia são saudáveis e ajudam na prevenção de doenças.

**CONCLUSÕES**

Atualmente tornou-se um dever de toda a sociedade e da ciência o respeito, o resgate e a preservação dos saberes tradicionais, como a valorização da alimentação e cultura local do povo Kanindé. Com isso conclui-se que houve um grande impacto com a pandemia na aldeia, tanto com a economia, a exemplo da feira da agricultura familiar que é o principal local de venda dos produtos indígenas. Com o distanciamento social a feira foi proibida de funcionar, como também nos costumes de vivência em grupos. Mesmo após a vacina o distanciamento social ainda é obrigatório.

**AGRADECIMENTOS**

À Aldeia indígena Kanindé de Aratuba. Ao grupo de pesquisa POLIFIBAN. Ao MASTS. À CPLP.

**REFERÊNCIAS**

BARROS, D. C., SILVA, D. O., and GUGELMIN, S. Â., orgs. **Vigilância alimentar e nutricional para a saúde Indígena** [online]. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, p. 47-74.

FARIAS, Airton. De. **História do Ceará. Fortaleza**. Edições livros técnicos, 2ªed. 2007,p39.

FARIAS. Airton. De. **História do Ceará**. 7ed.rev e ampl. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015, p66.

LIEBGOTT, Roberto. **Coronavírus, uma outra ameaça à vida das populações indígenas.** Conselho indigenista missionário. Chapecó – SC,2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2014.p57-190.

SAÚDE INDÍGENA: https://saudeindigena1.websiteseguro.com/coronavirus/mapaEp.php#abrirModal_id10/Acessado em 14 de março de 2021.


**ISSN: 2447-6161**

**ISSN: 2447-6161**